

Artigo enviado pelo autor em 19 de Abril de 2010
o original está disponível em <http://www.pcbolivia.net/html/archivos/Katyn.htm>
Tradução do castelhano de CN, 27.05.2010

«Mente, mente que alguma coisa fica!»

Marcos Domich*

A frase que encabeça este artigo pertence, como se sabe, ao ministro da propaganda do III Reich, o dr. Goebells. Constata-se que, apesar de se ter demonstrado de forma superabundante o seu carácter imoral, para alguma gente continua a ser um recurso utilizável. Vêmo-lo nestes dias na Bolívia. Para que não cheguem aos tribunais, os cúmplices e gestores dos tenebrosos planos terroristas-separatistas, recorrem à desinformação e ao desprestígio das investigações. Inclusivamente chegaram a afirmar que Eduardo Rózsa¹ foi contratado pelo governo. Mas vejamos um caso de antologia que prova a origem da «técnica» da mentira internacional.

A morte do presidente polaco Lech Kaczinski e dos seus quase 90 acompanhantes que se dirigiam a Kátine, na Rússia, serviu para relembrar os acontecimentos nessa região.

Os meios de comunicação transnacionais e locais transnacionalizados deram como um facto que a tragédia de Kátine – território russo próximo da cidade de Smolensk – foi obra do «stalinismo». Em Kátine teriam sido fuzilados 22 mil polacos que constituíam sobretudo a elite militar. Sobre este assunto coreu muita tinta nos anos da *perestroika*. Obviamente que já antes se tinha falado do assunto na imprensa ocidental e nos círculos da dissidência anti-soviética. Em 1990, Gorbatchov atribuiu o crime a Béria² e Merkúlov³ e uma comissão que, sem grandes formalidades, concluiu que o predecessor do KGB, o NKVD (Comissariado do Povo para os Assuntos Internos) «*pôde ter ordenado o fuzilamento dos prisioneiros polacos*» entre Março e Abril de 1940, na base dos poderes especiais que o autorizavam a «decretar a pena de morte». Quase de imediato apurou-se que tais poderes foram outorgados após a invasão nazi da URSS. A conclusão da Comissão não era tão pouco taxativa.

Seguidamente aparece o Sr. Iéltsine que, no meio da sua permanente embriaguez, afirma ter encontrado pastas secretas nos arquivos da presidência, e culpou

* Marcos Domich é membro da Comissão Política do Partido Comunista da Bolívia

¹ Eduardo Rózsa-Flores (1960-2009), mercenário húngaro nascido na Bolívia, abatido pela polícia boliviana, em Abril de 2009, numa operação de desmantelamento do comando por si liderado, que preparava o assassinato do presidente Evo Morales. (*N. do T.*)

² Lavrénti Pávlovitch Béria (1899-1953), membro do PCUS desde 1917, do CC desde 1934, do *Politburo* desde 1946 (candidato desde 1939). Entre 1938 e 1948 e entre Março e Junho de 1953 é comissário/ministro dos Assuntos Internos da URSS. (*N. do T.*)

³ Vsevolod Nikoláievitch Merkúlov (1895-1953), membro do PCUS desde 1925, do CC entre 1939 e 1952 (candidato desde 1952). Entre 1938 e 1941 foi chefe da Direcção Principal da Segurança de Estado e vice-comissário do Ministério dos Assuntos Internos, então liderado por Béria. Entre 1941 e 1943 foi comissário da Segurança de Estado e mais tarde ministro do Controlo Estatal (1950-1953). Dirigiu a comissão de investigação do chamado «Caso de Kátine» (1943-44). (*N. do T.*)

directamente Stáline do massacre. Demonstrou-se que as pastas continham documentos falsos, sem data, contraditórios, visivelmente inventados. A Procuradoria Geral da Federação Russa, em 2004, deu por encerrada a investigação. Não encontrou nenhuma prova que inculpasse a URSS, Stáline nem sequer o «sinistro» chefe do NKVD, Lavrenti Béria.

Como surgiu o assunto? O primeiro a glosá-lo nos media foi Goebbels com um despacho de 1943. A intenção era clara: provocar fissuras na coligação contra o eixo fascista. O governo polaco no exílio, em Londres, pediu explicações aos soviéticos. Estes mantiveram o que depois – como base para o julgamento de Nuremberga – determinou a comissão Burdenko⁴: as tropas hitlerianas de ocupação consumaram os fuzilamentos em 1943. Isto contradiz as conclusões do prof. Buntza que, com base em relatórios periciais de «médicos de países então ocupados pelos nazis», culpava a URSS.

Kaczinski viajou para Kátine e pereceu na tentativa. Foi descrito não só como um anticomunista doentio mas também como um anti-russo. Queria que a Rússia reconhecesse a «sua culpa» (se existiu na realidade seria soviética) e que pagasse uma indemnização de 20 mil milhões de dólares. Sempre que podia agitava o caso de Kátine e agora fazia-o porque se aproximavam as eleições. Nas últimas legislativas foi derrotado, com o seu irmão gémeo, pelo actual primeiro-ministro Donald Tusk.

Sem nenhuma vergonha, conforme a técnica de Goebbels, há inclusivamente conhecidos realizadores de cinema, como Andrzej Wajda, que fabricaram documentários por encomenda do governo polaco. Pútine e Tusk propuseram-se, em 2009, rever a história com tranquilidade e seriedade. Coisa que não agradou a Kaczinski.

⁴ Nikolai Nilovitch Burdenko (1876-1946), cirurgião de renome mundial, membro da Academia de Ciências da URSS, coronel-general da Assistência Médica do Exército Vermelho. Entrou para o PCUS em 1937. Encabeçou a comissão de investigação do caso de Kátine, constituída após a libertação de Smolensk e integrada, entre outros, pelo arcebispo Nicolau e pelo escritor Aleksei Tólstoi. As conclusões da comissão, assinadas por Burdenko, responsabilizam os ocupantes alemães pelo fuzilamento dos prisioneiros polacos. (*N. do T.*)